Construindo uma nação com a literatura infantil: a identidade nacional na geografia de Dona Benta

Filipe Rafael Gracioli*
João Pedro Pezzato**

Resumo

É comum apoiarmo-nos na noção de que o pensamento se manifesta a partir de um contexto histórico e geográfico que revela os particularismos do sujeito pensante. Nos caminhos e descaminhos do pensamento, a literatura impõe-se como meio ao mesmo tempo facilitador e permissivo da possibilidade de expressão do pensar, a partir da linguagem escrita, a depender também das temporalidades e espacialidades que lhe dizem respeito. A partir da identificação de uma matriz dominante de pensamento, de um contexto histórico e geográfico imbuído de características definidoras de temporalidades e de espacialidades próprias e da perspectiva da linguagem escrita, como meio e como suporte para a expressão do pensamento, é que propomos discutir os indícios que identificam na narrativa de Lobato expressa na **Geografia de Dona Benta**, obra publicada em 1935, uma ideia de nação. Perseguindo esse propósito, buscamos contribuir com a substantivação do conhecimento geográfico a partir de um esforço de crítica a respeito do pensar e o fazer a Geografia.

Palavras-chave: Identidade nacional. Pensamento geográfico. Positivismo. Monteiro Lobato.

Ao ser sistematizado, no início do século XX, o conhecimento geográfico-científico mostra-se, nesse processo, revestido de certa autonomia em relação aos demais tipos de conhecimento, como o filosófico, o matemático e, em especial, o conhecimento literário.

Alguns autores, entre eles Lima, nos confirmam essa autonomia do conhecimento geográfico-científico, ao nos revelar que a atividade literária e a atividade geográfica andaram juntas no decorrer da história, mas que a separação entre as mesmas deveu-se ao "fato da Geografia ter-se tornado uma ciência independente dos demais conhecimentos" (LIMA, 2000, p. 17).

Embora autônomo, o conhecimento geográfico-científico tem se organizado com vistas à expansão de seus campos de análise, sobretudo a partir dos anos 70 e 80 do século XX, com o processo de humanização na ciência. Com o afloramento das ideias de caráter humanista na Geografia científica, essa ciência se abre para o antropocêntrico, "para o interdisciplinar, para o qualitativo e para a Fenomenologia, numa busca do sensível, da afetividade e dos fenômenos imateriais" (FERREIRA; MARANDOLA JÚNIOR *apud* MARANDOLA, 2006, p. 63), abertura na qual o conhecimento literário exerceu influência.

Trabalhada, sobretudo, através do romance, a Literatura tem sido melhor aceita pela Geografia; da relação de influência do Humanismo na Geografia Científica, resultando em uma possível Geografia Humanística, Monteiro interpreta que, para o propósito de junção entre esses campos do conhecimento, importa menos o homem modulado pelo viés econômico-produtivo e mais o homem "humano", o "homem verdadeiro e inteiro". (MONTEIRO, 2002, p. 15).

Sobre a importância da literatura romanesca como possibilidade de formação de experiências geográficas, Lima, parafrazeando Cook (1981), argumenta que esse tipo de conhecimento constitui-se num dos "canais indiretos que estimula e desenvolve o conhecimento do mundo que nos rodeia através das formas de apreensão da realidade pelos indivíduos por meio da percepção sensível e profunda, alcançada por

* Mestrado em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita filho – UNESP –.

** Professor da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP –.

alguns escritores em suas obras." (LIMA, 2000, p. 32-33). Ao perguntarmos pelos porquês de se estudar Geografia e Literatura, encontramos em Monteiro argumentos consistentes na defesa desse campo de conhecimento, ao menos há um século iniciado. Conforme indica o autor, a noção de "lugar", à exceção da ficção científica, da fantasia e da alegoria, contém uma verdade que pode estar além da observação e do registro sistemático dos fatos:

Esta capacidade paradoxal encontrável na Literatura, ou a ela conferida pelo geógrafo, brota de um reconhecimento de que a essência ou a verdade do mundo transcende à interpretação de dados coligidos por geógrafos, historiadores e sociólogos. Não se trataria, de nenhum modo, de substituir a análise científica pela criação artística, mas apenas retirar desta (Literatura) novos aspectos de "interpretação"; reconhecê-la como um meio de enriquecimento. (MONTEIRO, 2002, p. 14-15).

Neste estudo, o foco de análise ocupou-se das ideias de Monteiro Lobato contidas na obra **Geografia de Dona Benta**, publicada em 1935. Para a análise, que passa pelo entendimento das concepções de conhecimento geográfico e de identidade nacional explicitadas pelo autor, é forçoso considerar os elementos culturais que configuravam a mentalidade vigente à sua época, em especial aqueles elementos associados ao nacionalismo e a exaltação da cultura brasileira em face da cultura estrangeira.

"Identificando o Brasil": A identidade nacional na geografia de Dona Benta

As primeiras décadas do século XX, no despertar da República no Brasil, representaram o período histórico da criação e da consolidação de elementos formadores de uma identidade nacional brasileira, rarefeita até então. Nessa situação histórica, havia um sentimento patriótico regional ou local, mas sem "conotações nacionais". Bittencourt indica que "a idéia de pátria manteve-se ambígua mesmo depois da independência" (BITTENCOURT, 2007, p. 191) e que a perspectiva patriótica era usada apenas circunscrita ao território (e, por extensão, à territorialidade) representada pela província. "O Brasil era uma construção política, um ato de vontade, movido antes pela mente do que pelo coração." (BITTENCOURT, 2007, p. 191-192).

Para a criação de um senso patriótico, pautado na formação de um sentimento de pertencimento ao território, era necessário desenvolver a ideia de Brasil como pátria de todos, como organização espacial para além das fronteiras provinciais, em um movimento de "saber pertencente não apenas ao seu estado, mas de todas as partes do território." (BITTENCOURT, 2007, p. 192).

O trabalho intelectual empregado à época da Primeira República (1889-1930) para a formação de um sentimento de nacionalidade no cidadão brasileiro foi fundamental para a construção de um sentimento de amor à pátria que, segundo Bittencourt, era constituído "por meio da beleza e da grandeza da terra brasileira. O Brasil possuía rios enormes e grandiosas florestas, clima ameno, riquezas minerais sem fim e uma história 'sem feitos deprimentes ou vergonhosos'" (BITTENCOURT, 2007, p. 192).

O exposto por Bittencourt se associa ao pensamento de progresso de Lobato no sentido da criação de um sentimento de pertencimento pelo povo brasileiro, pautado no ideal de "ordem e progresso" desse autor, bastante próximo à raiz ideológica positivista de Auguste Comte (1798-1857). Conforme aponta Bergo (1983), pela ótica dos representantes brasileiros da doutrina positivista, entre os quais se destacam Ben-

jamim Constant, Miguel Lemos e Pedro Lessa, a solução para a nação brasileira seria a ditadura republicana, organizada sobre a família, a pátria e a Humanidade, buscando sempre um abasileiramento dos costumes e do pensamento desenvolvidos em território nacional, em negação às ideias provenientes dos centros políticos, econômicos e culturais mundiais à época, como os Estados Unidos, a Inglaterra e a França.

No que se refere à formação de um povo genuinamente brasileiro, constituído por princípios legitimadores de uma identidade nacional brasileira, havia uma forte centralidade na figura do escravo e do indígena, sendo que os ideais positivistas reivindicavam o reconhecimento desses povos enquanto pertencedores a uma nação dita brasileira, e também como possuidores de terras, inclusive com a reivindicação de estatuto político próprio e independente. (BOSI, 2004).

Na narrativa contida na **Geografia de Dona Benta**, o "amor a Deus", o princípio do altruísmo e a negação da guerra como meio de conquista territorial são elementos representativos do pensamento positivista, como no trecho de referência a Segunda Guerra Mundial, no capítulo XXIII, "Índia", em que Dona Benta, nas palavras de Lobato, "mete o pau na guerra":

Foi a maior hecatombe da História, meus filhos. Calculam-se em 50 milhões o número de mortos, entre os que pereceram nos campos de batalha e os que nunca voltaram dos campos de concentração. E quando consideramos que os governos escolhem para mandar à guerra justamente a flor dos homens, os mais moços, os mais fortes, os mais perfeitos, é que bem avaliamos a monstruosidade da guerra. E a humanidade é ainda tão estúpida que continua a adorar os guerreiros e a entusiasmar-se pelos estadistas que arrastam seus países à guerra... (LOBATO, 1988, p. 101).

Lobato projetava uma perspectiva de libertação econômica, política e cultural do povo brasileiro em relação aos sistemas normativos alienantes externos e até mesmo internos à situação territorial brasileira, como os representados pelas diversas constituições federativas características do período e pela Igreja, por exemplo. A exploração econômica do petróleo e do ferro representaria a possibilidade para essa libertação, na condição de panaceia nacional, de modo que o progresso decorreria a todos que se identificassem com a ideia de povo brasileiro.

No diálogo entre Dona Benta e Narzinho ou Emília, não especificado por Lobato, na passagem pelas terras pantaneiras do Mato Grosso, o autor deixa clara a sua intenção de progresso a partir da exploração econômica do petróleo, inclusive defendendo a noção de que a ocupação da terra, requisito inicial para a criação de uma identidade territorial, adviria do reconhecimento da importância econômica desse produto:

- E é grande, Mato Grosso?
- Grandíssimo! Tem um território de 1.230.000 quilômetros quadrados, imagine! A população hoje ainda é muito pequena pois não chega a um milhão e meio de habitantes – e cabem lá 200 ou 300 vezes mais do que isso.
- Mas por que não aparecem esses milhões de habitantes?
- As razões são muitas. Ainda não chegou o tempo. Tudo vai devagar. Mas a grandeza futura desse Estado é coisa certa. Sobretudo quando vier o petróleo e essa nova riqueza der um arranco no desenvolvimento de Mato Grosso.
- E há lá petróleo?
- Claro que há minha filha. Se na vizinha Bolívia há tanto petróleo, por que não há de haver em Mato Grosso também? O que há dificultado o desenvolvimento de Mato Grosso é a sua situação bem lá no centro da América do Sul, muito longe dos portos. (LOBATO, 1988, p. 26).

Bittencourt avalia a noção de identidade promovida no início do século XX como resultado de interpretações ambíguas do conceito de identidade. Em estudo sobre o conteúdo das aulas de História nas escolas públicas do estado de São Paulo, no período entre 1917 e 1939, (BITTENCOURT, 1991) a autora aponta que a constante referência à “teoria da dependência” (relativa à dependência, sobretudo, econômica e cultural dos países do terceiro mundo em relação aos do primeiro mundo) no ambiente escolar foi determinante para a criação de um sentimento de nação com base na naturalização das diferenças; desse modo, as nações imperialistas seriam ricas pelo avanço econômico, e as nações exploradas seriam pobres, em decorrência dos atrasos em que se inseriam.

A partir da noção de nacionalismo, tangendo a noção de identidade nacional discutida em Bittencourt, Moraes estrutura uma perspectiva de espaço geográfico. Para esse autor, existem raízes não nacionais (como as religiosas, as linguísticas, as étnicas etc.) que “servem de referência espacial na constituição dos nacionalismos e na construção dos territórios nacionais, sendo a principal delas dada pelas repartições estatais pré-nacionais respaldadas nas soberanias dinásticas” (MORAES, 2005, p. 57).

Na narrativa de Lobato, são frequentes as referências à exaltação do Brasil e do brasileiro pela voz das “suas” personagens. O trecho referente à passagem pela Groenlândia, capítulo XVII “Groenlândia”, mostra a preocupação do autor com a imagem do brasileiro em terras além-Brasil, como forma de reforçar uma identidade brasileira livre de rótulos e de estereótipos pejorativos, frequentes no início do século XX:

- Adeus, Mr. Jantzen! – despediu-se Dona Benta, com o seu boné de capitão na cabeça, de pé na proa do brigue ‘entrenzado’. Emília, com a sua sapequice habitual, também gritou:

- Cabo Farewell! Cabo Farewell!...

Mr. Jantzen correspondeu às duas saudações, rindo-se da última.

- Que fiasco, Emília! – murmurou Narzinho logo depois. – Que vergonha, estar desmoralizando o Brasil aqui perto do pólo! Farewell é que é Adeus! Não Cabo Farewell, como você disse. Olhe, até a Grande Ursa, lá em cima, está a rir de você...

- Não dou confiança a ursos – disse a pestinha, fazendo um muxoxo de pouco caso. (LOBATO, 1988, p. 72, grifo nosso).

O pensamento de Lobato, expresso na **Geografia de Dona Benta**, reforça, também, a importância de uma humanidade orientada por princípios de fraternidade e harmonia, o que implica na revisão da noção de homem e de humanidade. Como o pensamento de Lobato é orientado para o idealismo positivista, logo, podemos entender que o homem lobatiano é também o homem comtiano, ou seja, um homem como “animal razoável”, em substituição do animal racional, sendo que a diferença entre o homem e os animais está na civilidade, que a espécie humana foi capaz de criar.

Tal como no idealismo positivo, a narrativa de Lobato pressupõe uma hierarquia social, com o conceito de hierarquia assentado sobre a divisão do trabalho e na divisão da sociedade em classes, em que os fracos subordinam-se em veneração aos fortes, cabendo a estes a dedicação pelos mais fracos.¹ Nesse tipo de organização social suprime-se a classe média por esta desejar ascender ao patriciado e temer o rebaixamento à massa operária, dando corpo à noção de elite social.

Ainda sobre o pensamento nacionalista, expresso na narrativa de Lobato, o trecho em que a viagem dos habitantes do sítio corresponde a passagem pelo continente oceânico, em especial a Austrália, no capítulo XXII, “Oceânia” [sic.], põe em evidência a perspectiva do autor sobre o “primeiro mundo”, ao comentar o atraso das civilizações daquele continente:

¹ Neste caso, entendem-se as noções de fraco e de forte como referentes às condições econômicas, culturais e políticas dos grupos sociais.

Os nativos encontrados lá davam dó – de tão selvagens, de tão atrasados. Nunca se vira no mundo homem mais animalesco do que o australiano. Não conheciam o arco de lançar flechas, nem a lança, nem o machado de pedra; não sabiam construir cabanas para morar; não tinham a menor idéia da agricultura. Os mais puros bichos do mato que você possa imaginar. (LOBATO, 1988, p. 93).

Ao dar corpo à narrativa, o propósito de Lobato parece ser o de romper com os estereótipos negativos que imprimem certas características a dados povos, especialmente o povo brasileiro. No entanto, a passagem por cada país no decorrer da viagem é ilustrada por elementos e por símbolos que tornam os povos visitados reconhecíveis secularmente, como são os casos da Argentina e do Uruguai, com a criação de gado (LOBATO, 1988, p. 20), e do Japão e as cerejeiras que enfeitam o caminho de Tóquio a Quioto (LOBATO, 1988, p. 81), por exemplo.

Hall (2006) aponta que a identidade deve ser encarada como um “lugar que se assume” e não como uma “essência ou substância que se examina”, o que nos leva a aproximar o conceito de identidade ao conceito de enraizamento proposto por Weil, para quem o enraizamento “é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana.” (WEIL, 1979, p. 347). Esse enraizamento se encontra na existência coletiva do homem, a partir de uma participação natural que vem do lugar, do nascimento, do ambiente.

Considerações finais

Não é equivocado dizer que Monteiro Lobato, à sua época, era considerado “homem de visão”, apaixonado pelo progresso e pela construção de um Brasil com referências técnicas e tecnológicas renovadas, embora adepto de uma matriz de pensamento bastante dogmática. Essa consideração, também na época atual, é adotada como consenso entre pesquisadores² que se dedicam a compreender as contribuições dadas por Lobato no campo das ideias para os progressos econômico, social, político e cultural brasileiros, reforçando a sua imagem como homem de amplas perspectivas e “mente aberta para o futuro.”

Pela escrita, Lobato encontra um meio eficiente para satisfazer a sua vontade de progresso e de identificação do povo com a nação, divulgando um pensamento que une ciência, literatura, senso comum e arte; o canal criado por Lobato a partir da literatura infantil responde como uma possibilidade de aproximação do autor com o universo infantil, criando um campo de forças que garante a transmissão do seu pensamento de modo hábil por meio de uma linguagem facilitada ao público pretendido.

Para a análise da **Geografia de Dona Benta**, é fundamental o reconhecimento das especificidades (econômicas, políticas, sociais, culturais) que contêm o pensamento lobatiano; essas especificidades, que são complexas, são também responsáveis por tornarem compreensíveis as realidades que, direta ou indiretamente, exerceram influência na elaboração do pensamento do autor e servem como parâmetro para mensurar uma realidade densamente constituída.

Sendo assim, a **Geografia de Dona Benta** se mostra uma obra inserida no contexto de sua época que apresenta conceitos e ideias contribuintes para substantivar o conhecimento geográfico-científico e escolar a partir do entendimento da identidade nacional como conceito transformador do tempo-espço presente.

² Consultar: (NUNES, 1986; SANTOS, 2009) entre outros.

Abstract

It is common to rely on the notion that thought manifests itself from a historical and geographical context that reveals the peculiarities of the thinking subject. In the paths and "mispaths" of thought, literature imposes itself as a permissive and facilitative means of the possibility of expressing thought from the written language, but it also depends on the temporalities and spatialities that concern itself. From the identification of a dominant matrix of thought, of a historical and geographical context imbued with defining characteristics of their own temporalities and spatialities, and of the perspective of written language, as a means and a support for the expression of thought, we propose to discuss the evidences that identify an idea of nation in Lobato's *Geografia de Dona Benta*, published in 1935. For this purpose, we aim to contribute to the substantivization of the geographical knowledge from an effort of criticism on the thinking and doing of Geography.

Keywords: National identity. Geographical thought. Positivism. Monteiro Lobato.

Referências

BERGO, Antonio Carlos. **O Positivismo:** caracteres e influência no Brasil. *Reflexão*, Ano 8, n. 25, p. 47-97, jan./abr. 1983.

BITTENCOURT, Circe. Identidade nacional e ensino de História do Brasil. *In:* KARNAL, Leandro. (Org.). **História na sala de aula:** conceitos, práticas e propostas. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

BITTENCOURT, Circe. **Pátria, civilização e trabalho:** o ensino de história nas escolas paulistas, 1917-1939. São Paulo: Loyola, 1991. (Coleção Educação Brasileira).

BOSI, Alfredo. **O positivismo no Brasil:** uma ideologia de longa duração. São Paulo: Edusp, 2004.

COOK, Ian. Consciousness and the novel: fact or fiction in the works of D. H. Lawrence. *In:* POCOCK, Douglas (Ed.). **Humanistic geography and literature.** London: Croom Helm, 1981. p. 66-84.

HALL, Stuart. Apresentação. Para ler Stuart Hall. *In:* SOVIK, Liv. (Org.). **Da diáspora:** identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

LIMA, Solange Terezinha de. **Geografia e Literatura:** alguns pontos sobre a percepção de paisagem. *Geosul*, Florianópolis, v. 15, n. 30, p. 7-33, jul./dez. 2000.

LOBATO, José Bento Monteiro. **Geografia de Dona Benta.** 22. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

MARANDOLA, Janaína Silva. **O geógrafo e o romance:** aproximações com a cidade. *Geografia*, v. 31, n. 1, p. 61-81, jan./abr. 2006.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **O mapa e a trama:** ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Território e história no Brasil.** 2. ed. São Paulo: Anablume, 2005.

NUNES, Cassiano. **Monteiro Lobato e Anísio Teixeira**: o sonho da educação no Brasil. São Paulo: Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, 1986.

SANTOS, Geovana Gentili. **O maravilhoso na produção infanto-juvenil de Monteiro Lobato**. Revista Agália, n. 97/98, p. 99-114, 2009.

WEIL, Simone. **A condição operária e outros estudos sobre a opressão**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.